

Guarapuava em 1920 – memórias e narrativas visuais de uma visualidade¹

Nádia MOCCELIN²

Éverly PEGORARO³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

Resumo

O artigo traz considerações sobre a fotografia e suas relações com a memória e a visualidade em Guarapuava (PR). Como uma ferramenta rica em subsídios históricos, sociais e políticos da época em que está inserida, a fotografia vai além de uma forma de recordação, embora, em diversos casos, esta seja a intenção no momento da captura. Por meio dela, é possível caracterizar e documentar diferentes períodos e grupos, explorando o poder de construir narrativas e perfis. Desse modo, o objetivo dessa pesquisa é identificar o perfil da sociedade guarapuavana na década de 1920, partindo da consulta e estudo de acervos fotográficos de duas famílias da cidade.

Palavras-chave: Fotografia; memória; visualidade; Guarapuava.

Introdução

O universo da fotografia sempre esteve atrelado à memória e a fatos históricos. Quando nos deparamos com situações de lembranças e recordações, quase que de forma natural, nos reportamos a uma fotografia ou imagem que nos leve a relembrar, de forma mais clara, a situação ou o momento em questão. Isso se deve, em grande escala, pelo fato de a fotografia relatar um momento único, dando-nos a sensação de que tal fato não se perdeu. Desse modo, fotografia, memória e história sempre estiveram em constante sintonia.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social.
(KOSSOY, 2001, p. 162)

Por meio da fotografia, muitas histórias são contadas e documentadas. Momentos individuais e coletivos, que tiveram um registro fotográfico capturado, tornam-se posteriormente, referência sobre as realidades e características de diferentes épocas. Assim, determinadas visualidades são, então, construídas a partir do que fora fotografado e também, dos aspectos, memórias e lembranças que tais fotografias evocam em quem as lê.

No entanto, narrar uma história por imagem não era algo democraticamente acessível e simples. No início do século XX, a inserção da fotografia e das práticas

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Cinema e Audiovisual da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 4º ano do Curso de Jornalismo da UNICENTRO, email: nadia_moccelin@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UNICENTRO, email: everlypegoraro@gmail.com.

fotográficas em determinado grupo ou local, definia-se entre outros fatores, por questões sociais e econômicas. O acesso às novidades tecnológicas que surgiam bem como sua aquisição pautava-se pela posição social que se ocupava. Longe das capitais, poucas famílias possuíam câmeras fotográficas. As máquinas chegaram ao interior de forma tímida, com o intuito de registrar apenas os grandes feitos locais.

Em Guarapuava, na região centro-sul do Paraná, o monopólio econômico da cidade, nas primeiras décadas do século XX, concentrava-se nas mãos de fazendeiros, donos de grandes extensões de terras. Nesse período, a cidade passara por uma efervescência cultural que importaria, entre várias práticas, a fotográfica. O registro fotográfico passou a ser uma nova forma noticiar e de documentar fatos e lugares, embora as fotos tivessem disseminação restrita na época.

Tal realidade diverge muito dos dias e dos costumes de hoje. Atualmente, encontramos-nos em um universo fortemente imagético. Conforme afirma Sontag (2003, p.22), “[...] algo se torna real – para quem está longe, acompanhando o fato em forma de “notícia” – ao ser fotografado”. Essa ideia de se tornar real, a partir de um registro fotográfico, vale-se pelo método utilizado na captura da imagem. A autora explica que, “[...] como uma imagem produzida por uma câmera é, literalmente, um vestígio de algo trazido para diante da lente, as fotos superavam qualquer pintura como lembrança do passado desaparecido e dos entes queridos que se foram.” (SONTAG, 2003, p. 24). Essa superação da pintura remete-se a diferença de sentido gerada a partir dessas duas produções: pintura e fotografia. Uma ligeiramente ligada à arte, remetia-se a ideias de representação, de releitura de algo real, para algo artístico, a partir das mãos de um pintor. Já a fotografia, pela forma como capturava uma imagem, um cenário, um objeto, tal e qual era visto pelos olhos de qualquer pessoa, ganhara fortemente a definição de “espelho do real”. Com isso, ideias de prova e documento passaram a permear o universo da fotografia.

Como toda e qualquer novidade, as pautas que percorreram os primeiros caminhos das lentes fotográficas foram bastante diversificadas.

A expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmera. O registro das paisagens urbana e rural, a arquitetura das cidades, as obras de implantação das estradas de ferro, os conflitos armados e as expedições científicas [...] são alguns dos temas solicitados aos fotógrafos do passado. (KOSSOY, 2001, p. 26)

Mas longe dos grandes centros urbanos, a fotografia teve uma inserção um pouco diferente. Nas cidades do interior, poucos eram os que se encorajavam a denominar-se profissionais da fotografia, e assim, tais registros passaram a pertencer a integrantes da elite, que se aventuraram ao registro fotográfico amador. Na Guarapuava dos anos 1920, algumas famílias tradicionais interessadas em capturar seus feitos nesta região do estado, adquiriram câmeras fotográficas e preservaram suas ações no Paraná de início de século XX.

1920: Guarapuava da pecuária, do empreendedorismo e dos pequenos jornais

A extensa cidade do terceiro planalto paranaense é o 9º município mais populoso do estado, com aproximadamente 176 mil habitantes, segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) de 2014, e conta com uma economia baseada na agroindústria. Cenário que diverge consideravelmente dos anos 1920, quando a população urbana girava em torno de 2 mil pessoas. Segundo o boletim *Imprensa Guarapuavana*, nº 13/2013 da casa Benjamin C. Teixeira⁴,

No princípio do século XX, a pequena comunidade urbana de Guarapuava concentrava-se em torno da praça central, com seus casarões coloniais, alguns construídos nos anos 50, do século XIX. Sua população envolvia-se nas celebrações religiosas que ocorriam na Matriz (...). A atividade econômica girava em torno da pecuária em grande escala e da extração da erva mate, vegetal nativo encontrado em abundância nos capões de mato das áreas de campo. (TEIXEIRA, 2013, p.5)

Sobre a década de 1920, mais precisamente, várias ações permearam o desenvolvimento da imprensa e da literatura na cidade. Segundo Teixeira (2013), nessa década o surgimento dos jornais atingiu um momento exuberante, com dez títulos. A literatura ganhava bastante espaço, devido à profusão de poetas que utilizavam o espaço da imprensa para expor suas obras literárias. A existência dos clubes sociais, bastante influentes na época, incentivavam as “sabatinas de arte⁵”. Alguns fatos empreendedores das primeiras décadas do século XX foram marcantes para o desenvolvimento de Guarapuava na época.

Após a abertura definitiva da estrada de rodagem a Ponta Grossa e Curitiba, por volta de 1901, Guarapuava experimenta um novo surto de progresso. De 1910 em

⁴ Local destinado à pesquisa, a preservação e ao compartilhamento da história de Guarapuava. O nome faz menção ao guarapuavano Benjamin C. Teixeira, que reuniu e preservou documentos e fotos da cidade. Grande parte do material exposto na casa Benjamin C. Teixeira é fruto do trabalho do próprio Benjamin.

⁵ Ação promovida pelo grupo feminino Filhas do Guayra, no clube Guayra. As Sabatinas de Arte ofereciam aulas de cultura, nas quais tomavam parte as autoridades e os associados do clube.

diante começam a circular os primeiros automóveis nas precárias vias do Município. Francisco Missino e Luigi Siscato, ambos nascidos na Itália, radicaram-se em Guarapuava e foram empreendedores, pioneiros do campo da indústria e do comércio. Em 1913, requereram a autorização à Câmara para instalar linha própria de telefone entre seu escritório na cidade e a Serraria Modelo [...]. Por Missino, foi fundada em 1920, a Casa Bancária Missino [...]. (KRUGER, 1999, p. 126)

Esses pequenos avanços econômicos para um município interiorano, bem como os eventos e ações sociais promovidas pela elite guarapuavana, que na época começava a desbravar a cultura e arte, foram os alvos das fotografias. Os filhos dos grandes pecuaristas passaram a ligar-se ao cinema, a literatura e a aproximar-se da imprensa que surgia na época. Com isso, o interesse pelas novas tendências mercadológicas, como a fotografia, estava em evidência. Inaugurações de empresas, aquisições de automóveis, casarões do centro, aulas de dança, entre outras atividades sociais eram registradas pelas famílias.

Mas esse registro não era suficiente para que tais imagens chegassem aos jornais da cidade. *O Guayra, Folha do Oeste, O Trevo, O Pharol* e os demais jornais guarapuavanos, produzidos e editados pelos integrantes das famílias tradicionais, priorizavam, assim como os demais jornais da época de todo o Paraná, a produção escrita. Tabloides com gigantes blocos de textos e uma disposição visual pesada caracterizavam a produção da imprensa local. Deste modo, as fotografias amadoras acabavam por ganhar outro destino, sendo este não tão disseminado quanto os jornais seriam. Como era de costume naquela época, as fotografias eram reveladas e integravam os imponentes álbuns de famílias.

Como a própria denominação indica, as fotografias restringiam-se aos domínios das famílias e, por isso, o conhecimento da sua existência, normalmente, girava em torno das novas gerações que se formavam. Com o passar dos anos, o interesse por características e vestígios históricos de décadas passadas da própria cidade potencializaram a procura por estas fotografias, já que tal meio carrega, consideravelmente, as marcas de tudo que captura.

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço tempo retratado. (KOSSOY, 2001, p.47)

Como um registro pessoal e familiar, há que se considerar que as características e marcas apresentadas nos retratos, apresentam o que a própria família escolheu mostrar e documentar. Produtores e disseminadores das imagens, a fotografia fora utilizada, nesse contexto, como uma forma de legitimar a tradição e as ações de tais famílias

guarapuavanas. As fotos auxiliaram a projetar e “eternizar” uma visualidade da década de 1920 da elite urbana.

Guarapuava nos documentos de famílias

Para que as marcas de Guarapuava e seu desenvolvimento não se perdessem no tempo, diversas formas de preservação são utilizadas. Duas delas, em especial, marcam o trabalho realizado por Nivaldo Kruger e Murilo Teixeira⁶. Ambos, por meio de acervos fotográficos, documentos e relatos, disseminam aspectos e características da cidade no século XX. O material que possuem possibilita rastrear vestígios da visualidade do contexto urbano guarapuavano e contribuem para a construção da memória visual da cidade.

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. (KOSSOY, 2001, p. 32)

A História Oral é uma aliada importante ao trabalho de rastreamento e análise desses registros fotográficos. Os detalhes e as recordações presentes nos relatos orais trazem informações de subsídio à compreensão da fotografia e do contexto em que fora produzida. Em alguns casos, a leitura fotográfica não é suficiente para moldar ou definir uma visualidade, e por meio de entrevistas com pessoas do meio, outros aspectos são acrescentados, somando-se aos vestígios identificados nas imagens. Nesses casos, os relatos de depoentes possuem importância e rigorosidade equivalente à pesquisa documental.

Não é apenas quando os documentos inexitem ou são raros, que a história oral acontece. Ela é vital também para produzir outras versões das histórias feitas com base em documentos cartoriais, consagrados e oficiais. (MEIHY, 2005, p. 29)

A História Oral, que prevê o registro de relatos e de casos contados por personagens ligados a determinados momentos histórico-sociais, estabelece a presença do passado no presente imediato das pessoas, como sua razão de ser, segundo considerações de Meihy (2005).

Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança do conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido à vida social de depoentes e leitores, que

⁶ Nivaldo Kruger e Murilo Teixeira integram famílias tradicionais guarapuavanas, que possuem bastante representatividade no cenário local. Ambas possuíram inserções no âmbito político e empresarial de Guarapuava por várias décadas.

passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 2005, p. 19)

E é esta a sensação e o intuito de Nivaldo Kruger, quando avalia seu acervo e relembra as histórias de suas famílias e conhecidos. “Fotografar pra mim, não é só um *hobby*, mas um documento. É documentar a vida e a história” (KRUGER, 2015)⁷. Contando atualmente com um acervo de 5 mil negativos, Kruger, nascido em 1929, na cidade de Canoinhas (SC), iniciou sua relação com a fotografia por incentivo da mãe.

Quando eu fiz 15 anos, a minha mãe me deu uma máquina fotográfica, caixãozinho, e disse pra mim: ‘Olha, meu filho!’ Eu vi a máquina e falei: ‘Mas eu não sei fotografar’. Ela olhou pra mim e contestou: ‘um homem tem que saber fazer outras coisas’. (KRUGER, 2015)⁸

E foi exatamente o que ele fez. Seguiu uma carreira política⁹ bastante significativa em Guarapuava e no estado, ao longo de muitos anos.

Já Murilo Teixeira aprendeu pelo exemplo do pai, Benjamin Teixeira, a guardar e preservar tudo que dizia respeito à história da sua cidade. Este deixou um variado legado de publicações e documentos devidamente encadernados. Ao longo dos seus 79 anos de vida, Benjamin Teixeira exerceu inúmeras atividades em Guarapuava¹⁰. Especificamente na década de 1920, mergulhou na onda de manifestações relacionadas ao teatro, a música, a literatura e a poesia que invadiam Guarapuava, e tornou-se colaborador da imprensa local.

Após seu falecimento em 1981, a casa em que Benjamin Teixeira nasceu, deu lugar a outro espaço. Por obra de seu filho, Murilo Walter Teixeira, o trabalho de coleta e manutenção de dados relacionados às famílias de Guarapuava, realizado por seu pai, passou a ser compartilhado. Como idealizador mantenedor da casa Benjamin C. Teixeira, Murilo abriu ao público o acesso aos materiais de preservação, pesquisa e disseminação da história guarapuavana. Aos 78 anos, o filho de Benjamin, busca também novas fotografias, documentos e informações sobre a cidade. Tem à disposição mais de 400 títulos, catalogados em ordem alfabética, da história local e regional.

⁷ Entrevista concedida às autoras em 19. jun.15, em Guarapuava, Paraná.

⁸ Idem.

⁹ Foi vereador e prefeito da cidade, posteriormente tornou-se deputado estadual, federal e senador da república pelo estado do Paraná.

¹⁰ Teve participação na política atuando como secretário em clubes sociais, na prefeitura municipal e no partido político PSD. Elegeu-se vereador, mas atuou também junto ao poder judiciário, onde advogou por alguns anos e se especializou em inventários.

Tanto Nivaldo Kruger quanto Murilo Teixeira não vivenciaram a década de 1920, na “antiga Guarapuava”, mas seus documentos e lembranças valem-se de uma herança deixada por seus familiares, a memória.

Uma década em retratos: 1920 em fotografias guarapuavanas

Em meio aos acervos desses dois colecionadores de registros históricos, as fotografias de diferentes períodos recolhidas carregam diversas memórias, lembranças e histórias. Cruzam-se, nessas fotografias, lembranças dos próprios fotógrafos, das gerações seguintes, que guardaram e preservaram suas produções, e ainda dos atuais portadores da fotografia, Nivaldo Kruger e Murilo Teixeira. Tal fato enriquece o processo de leitura delas.

A ambiguidade de sua leitura é então ampliada, mas, ainda aqui, ela reproduz aspectos do real. [...] A comunicação das leituras, assim como a retórica das imagens, exige a verbalização e a criação de vínculos verbais, derivados frequentemente do processo da memória dos retratados, de figurantes ou colecionadores afins. Isso ocorre no caso de imagens de conjuntos de objetos, retratos de uma pessoa ou pequenos grupos, e mais se acentua a tendência quando a imagem é lida como documentação de um inter-relacionamento social, quando é preciso recriar uma realidade em função de um nível preponderante da experiência, da memória que organiza, desorganiza e reorganiza aquilo que o tempo, seu maior inimigo, vai destruindo. (LEITE, 2001, p.36)

Por retratar determinada realidade e conservá-la em um papel, ao longo de anos, a fotografia desperta fortemente o poder de rememoração em quem a lê. Determinados fatos importantes da história são lembrados com mais clareza a partir de um retrato produzido e tornam-se até referência no imaginário pessoal, quando se fala sobre o assunto fotografado. Segundo Sontag (2001, p. 75), “Lembrar cada vez mais, não é recordar uma história, e sim ser capaz de evocar uma imagem”. Desse modo, a fotografia surge como um estimulador de memórias, que com o auxílio da História Oral, acrescenta informações sobre os fatos e contribui para a formação de uma determinada visualidade. Para se entender mais sobre os costumes e as características de Guarapuava no início do século passado, ambas as ferramentas de pesquisa são fundamentais e complementares. A seguir, apresentam-se algumas imagens que, com o relato dos dois depoentes, nos mostram alguns vestígios da visualidade urbana da Guarapuava da década de 1920.

A imagem sobre os trabalhos manuais realizados naquele período na cidade revela uma das fontes de renda de parte da população. Por seu caráter informacional, a fotografia desperta lembranças não só do trabalho da época, mas do modo de vida em Guarapuava.

Imagem 1 – Transporte de toras, a tração animal em Guarapuava



Fonte: KRUGER, 1999, p 68. Fotografia retirada de livro publicado. Autor desconhecido, 1920.

Essa imagem do transporte de toras, por meio da tração animal, recorda Kruger de diversos momentos da sua história, do acesso à fotografia em questão e do desenvolvimento da cidade. O envolvimento com a rotina de serraria fez-se presente desde cedo em sua vida.

Eu montei uma serraria, e contratei um serrador manual, que fazia um estaleiro, rolava-se a tora lá em cima e serrava-se à mão. Construí a serraria toda com madeira serrada à mão, eu tinha 25 anos e nessa época havia muitas serrarias em Guarapuava. Eu me criei em uma serraria em Santa Catarina, que era do meu pai. Lá serraram madeira até terminar o pinhal. (KRUGER, 2015)¹¹

Na época em que Kruger montou sua própria serraria, Guarapuava vivia o ciclo da madeira, com a exploração de reservas naturais. Algumas informações sobre essa época estão inseridas no seu livro *Guarapuava, seu território, sua gente, seus caminhos sua história* (1999), que contém informações gerais sobre a cidade, como política, geografia, cultura, entre outras características. Os primeiros trabalhos nas serrarias da época usavam rodas d'água e somente mais tarde, as turbinas passaram a serem utilizadas nos rios das Mortes, Bananas e Jordão. O intuito era atender apenas o mercado local. Mas no *Álbum de Guarapuava*¹², de 1926, há registros fotográficos sobre o transporte de toras já nesta década. A foto em questão chegou às mãos do depoente e o fez recordar de um modo de transporte que se manteve por muitos anos.

¹¹ Entrevista concedida às autoras em 19. jun.15, em Guarapuava, Paraná.

¹² Exemplar obtido por Nivaldo Kruger, cujas fotografias foram inseridas em seu livro *Guarapuava, seu território, sua gente, seus caminhos sua história*, de 1999.

O transporte era o mesmo, tinham bois e cada um tinha um nome, eram adestrados de tal forma que o encarregado, o torreiro dava os comandos e os bois obedeciam. Eram estradas de barro e quando chovia, parava tudo. (KRUGER, 2015)¹³

Imagem 2 – As Cavalhadas em Guarapuava



Fonte: KRUGER, 1999, p 68. Fotografia retirada de livro publicado. Autor desconhecido, 1927.

Outra fotografia guardada por Kruger trata do registro de um evento tradicional da cidade no século XX: as Cavalhadas, nesta imagem realizadas em 1927.

As cavalhadas eram teatrais, era uma tradição portuguesa, que comemorava a vitória dos portugueses sobre os mouros. Então, nos meus anos como prefeito, reeditei as cavalhadas e demos a ela outra configuração, de acordo com a modernidade. Naquela época quem participava normalmente eram pessoas do campo, fazendeiros, homens com habilidade pra luta, por que era bastante violento. Ocorria sempre na festa da padroeira, dia 2 de fevereiro, e era o momento dos fazendeiros vir para o centro. Então a festa reunia, tinha baile e tudo. (KRUGER, 2015)¹⁴

O flertar das lentes da época com as Cavalhadas existia em virtude do tradicionalismo que este evento possuía na cidade. A imponência dos homens em seus cavalos – somente os que possuíam certa habilidade com luta participavam – mostra uma sociedade que buscava lembrar-se das lutas e da coragem dos homens nas guerras ao longo da história. Além disso, seu aspecto teatral apresentava uma sociedade que tinha também traços ligados à cultura e a arte. Essa imagem mostra uma Guarapuava que se apresentava tradicional e, também, cultural. A fotografia apresenta-se aqui, não só como um documento, como citado por Mauad (2008), mas também, como imagem/monumento, um símbolo local.

Parafrazeando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente, como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado – condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho, etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a

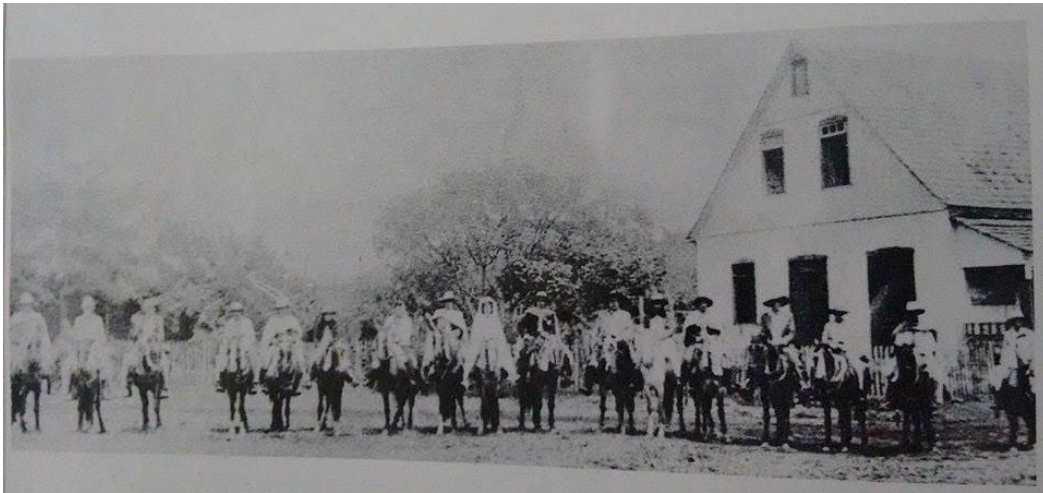
¹³ Entrevista concedida às autoras em 19. jun.15, em Guarapuava, Paraná.

¹⁴ Idem

sociedade estabeleceu como única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo. (MAUAD, 2008, p.37)

Tais registros de momentos significativos eram capturados em Guarapuava pelos próprios filhos dos importantes fazendeiros da época, que eram os que possuíam poder aquisitivo. Kruger lembra-se que somente pessoas de mais destaque tinham as câmeras. Naturalmente, as pessoas de maior posse fotografavam e, na maior parte do tempo, eram os personagens principais das fotografias.

Imagem 3 - Noivado



Fonte: KRUGER, 1999, p 68. Fotografia retirada de livro publicado. Autor desconhecido, 1924.

As festas importantes envolviam grandes celebrações e ganhavam relevância social, por isso, os registros eram comuns nessas ocasiões. A foto acima mostra uma festa de casamento, onde os noivos (sem identidade conhecida), acompanhados do cortejo de parentes e padrinhos, regressam da igreja para a casa dos pais. A festa, que demorava três dias, contava com churrascada e baile. Segundo Leite (2001), com a adesão da fotografia na sociedade, o ritual dos casamentos passa a ser marcado também, pelo registro fotográfico, que funcionava como um legitimador social.

Como o retrato deve tornar pública a união, existe uma preocupação que não é só dos noivos, mas das famílias de origem, de produzir um espetáculo para ser apreciado por todos os conhecidos, parentes ou não, para reafirmar que se realizou um 'bom casamento'. O retrato é tirado quando o casamento é consagrado pelas duas famílias que muitas vezes ainda são dois ramos da mesma família. (LEITE, 2001, p.125)

Desse modo, fotografias de noivados e casamento, então, eram bastante comuns de serem produzidas e exibidas pelas famílias, sempre mantendo a tradição de uma foto posada, com ar de imponência. Essa característica de se posar para as fotografias

estabelecia entre os personagens fotografados e a câmera uma relação de sofisticação. O retrato era um modo de se mostrar para mundo e, por meio dele, sua imagem capturada disseminava-se. Desse modo, um ar de elegância, sofisticação e disciplina apresentava-se constantemente nas fotos do século XX.

No acervo de Murilo Teixeira, esse padrão posado está presente nas fotografias de ocasiões formais como reuniões políticas e encontros sociais. Durante os anos de 1920, o teatro, o cinema e a literatura estavam em voga entre a sociedade elitista local, e nesse contexto, os clubes serviam como pontos de encontro para disseminação de cultura e conhecimento.

Imagem 4 – Alunas de música professora Ita Saldanha Correa



Fonte: Acervo Casa Benjamin Teixeira, 1921, autor desconhecido.

Dentre as atividades, Teixeira guarda a fotografia de uma aula de música particular, da professora Ita Saldanha Correa, em 1921. A imagem foi adquirida juntamente com outras fotografias desse acervo familiar. Quanto ao local fotografado, existem palpites.

Acredito que se trate do clube Guayra, pelas portas que me são familiares pelas fotografias. Se não for nele, deve ser em outro clube local, até pela composição e apresentação das moças, que se portam de modo comum aos frequentadores dos clubes sociais da época. (TEIXEIRA, 2015)¹⁵

¹⁵ Entrevista concedida às autoras em 8. jun.15, em Guarapuava, Paraná.

Bem vestidas, as alunas e a professora mostram compatibilidade quanto às vestimentas e a postura no retrato. Todas de vestido, meia calça, sapato delicado e pernas cruzadas, próximas ao instrumento da aula, o piano, ícone musical que permeia ideias de elite e sofisticação. Do acesso ao clube Guayra, Kruger lembra-se bem.

Havia em Guarapuava, uma elite social bem definida. Existiam clubes e um deles era o Guayra. Nele, havia uma biblioteca e metade dela era em francês, ou seja, só pessoas muito cultas tinham acesso aos livros e materiais. (KRUGER,2015)¹⁶

As fotografias no clube eram bastante comuns. Nota-se uma grande adesão dos fotógrafos amadores da época por retratar os eventos e ações vividas pelos frequentadores desses centros sociais. Imagens de aulas de canto, de ensaios de bandas, entre outras atividades culturais, dão volume aos acervos familiares tradicionais de Guarapuava nessa década. Mas eventos que fugiam do tradicional realizado pelo clube também eram registrados. Quando o Guayra trocou suas atividades culturais para se tornar uma sala de primeiros socorros, as câmeras fotográficas estavam lá.

Imagem 5- Soldados em Guarapuava



Fonte: Acervo Casa Benjamin Teixeira, 1924, autor desconhecido.

Na revolução de 1924, integrantes do movimento tenentista se alojaram em Guarapuava, em espaços representativos. A Câmara Municipal foi transformada em quartel-general e as instalações do clube Guayra serviram de Hospital de Campanha. Da cidade, as

¹⁶ Entrevista concedida às autoras em 19. jun.15, em Guarapuava, Paraná.

tropas seguiram para Catanduvas, até então distrito de Guarapuava, onde os combates ocorreram. O exército contou com grandes reforços policiais, que foram comandados pelo general Cândido Rondon. Estima-se que passaram pela cidade, durante o período que se manteve a revolução, mais de 10 mil soldados.

No entanto, Segundo Bordin (2014), este fato inusitado fora alvo de pesquisas e discussões tímidas sobre. Quando se fala na Revolução de 24, pouco material é encontrado.

O que chama a atenção com relação à ‘Revolução Paulista’ é que os estudos acadêmicos, publicações e artigos são em sua maioria sobre os fatos anteriores e posteriores à Revolução de 1924 (também Revolução Paulista), sendo denominada também de ‘Revolução Esquecida. (BORDIN, 2014, p.4)

Em Guarapuava, tal fato é rememorado pela fotografia do exército no clube Guayra e pela bala de canhão, exposta no museu Benjamin C. Teixeira. Assim como a passagem do exército pela cidade, outros fatos inusitados foram registrados fotograficamente. As lentes das câmeras e as inaugurações sempre flertaram. Desde as primeiras imagens produzidas, esses fatos foram alvos dos que se aventuravam no universo da fotografia, por ser, naquele momento, uma ocasião importante, que traria novas atividades para o município. Tal ação estava ligada às ideias de modernidade e desenvolvimento que as cidades do Paraná buscavam no século XX e que a fotografia, por seu poder de captura, iria consolidar.

Além de ser um dos componentes das práticas midiáticas, a fotografia também é uma das opções de mediação do regime de visualidade do século XX, que procurava legitimar um discurso de modernidade. Ser fotografado e compartilhar o hábito de fotografar faziam parte do conjunto de elementos que definia o que era ser moderno em consonância com o imaginário da época. Essa visualidade, formada por discursos e práticas estéticas, contribuiu para a construção de distintas formas históricas da experiência visual ao longo do século XX (PEGORARO, 2011, p. 06).

Imagem 6- Usina de energia elétrica construída por Luiz Ciscato, no Rio Jordão



Fonte: Acervo Casa Benjamin Teixeira, 1924, autor desconhecido.

A chegada de uma usina hidrelétrica na cidade, na década de 1920, deu início a uma onda de grandes avanços locais.

Nessa época também, veio o primeiro telefone pra cidade. Tivemos grandes aquisições, como alguns automóveis até e carroções, que permitiram que se trouxessem mais substâncias para nossas casas comerciais. Depois disso, passamos a ter vinhos e cervejas melhores... De 20 a 30, Guarapuava estava no apogeu. (TEIXEIRA, 2015)¹⁷

A primeira usina hidrelétrica de Guarapuava foi obra de um italiano apaixonado por eletricidade. Luiz Antônio Ciscato explorou o recurso energético do principal rio da cidade, o Jordão, para construir e subsidiar a usina. De acordo com Murilo, Ciscato fez todas as escavações e desenvolveu um trabalho significativo na época. Como marca de uma cidade em desenvolvimento, a sociedade prestigiou em grande escala sua inauguração. Na imagem acima, diversas famílias se fazem presentes, levando até mesmo as crianças para a ocasião formal. O registro desse feito mostra uma Guarapuava que se modernizava, bem como uma família tradicional que construiu sua imagem e sua história por meio de fotografias.

Considerações Finais

Mirzoeff (2011) define que a visualidade como a organização discursivo-visual da história, sua “visualização”. Tal prática é demasiadamente imaginária, firmada por informações, imagens e ideias, que cada visualizador constrói e organiza em sua memória coletiva (MIRZOEFF, 2011, p.2). Uma Guarapuava elitizada, clássica, culta e em desenvolvimento deixa-se transparecer pelos registros fotográficos e pelas memórias construídas pelos próprios guarapuavanos pertencentes a tais grupos.

As fotografias do acervo de Murilo Teixeira e Nivaldo Kruger são documentos que auxiliam a legitimar uma visualidade de época de Guarapuava. O desenvolvimento, os modos de vida, as atividades econômicas e culturais estão representadas nas imagens produzidas pelas famílias guarapuavanas, partindo de um olhar próprio. A oralidade, que acompanha e acrescenta detalhes, marcas e lembranças da época, soma-se à memória visual que Guarapuava constrói sobre sua história no início do século XX. Assim, compreende-se que os relatos de depoentes, associados às imagens, contribuem para delinear um perfil

¹⁷ Entrevista concedida às autoras em 8. jun.15, em Guarapuava, Paraná.

visual-identitário da cidade. Neste caso, pela ótica de famílias tradicionais, pertencentes a uma elite que dominava o cenário urbano, político e cultural do município no período.

Mauad aponta que “[...] o entrecruzamento de imagens fotográficas e narrativas de trajetórias de vida permite a atualização de memórias e, por conseguinte, da imagem que aquele grupo quis perenizar para todo o sempre.” (2008, p. 58). Dessa forma, os retratos familiares produzidos em Guarapuava, ainda hoje, possuem o poder de construir, em caráter documental, uma visualidade de uma cidade tradicional, que na década de 1920 buscava o desenvolvimento e a imersão cultural. A efervescência de cultura trazida pela chegada de diversos jornais, pela importação de aparatos tecnológicos e pela disseminação da poesia e da literatura, refletiu-se diretamente na visualidade da cidade. Os registros fotográficos do período mostram uma cidade em transição, marcada pela chegada da luz elétrica, pela forte adesão do cinema e da música, mas também, de uma cidade que buscava manter tradições, com casamentos seguindo os rituais católicos tradicionais, bem como manifestações artísticas que legitimavam histórias e identidades.

Referências:

- BORDIN, Marcelo. **A guerra de trincheiras esquecida em Catanduvas, Paraná (1924/1925): aspectos geohistóricos.** In: *Geographia Opportuno Tempore*, Londrina, v.1, n. 1, p. 57-67, jan./jun. 2014.
- CASA BENJAMIN C. TEIXEIRA. **Imprensa Guarapuavana.** Guarapuava: n.13, 2013.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2. Ed. SP: Ateliê Editorial, 2001.
- KRUGER, Nivaldo. **Guarapuava, seu território, sua gente, seus caminhos, sua história.** Guarapuava: Optagraf, 1999.
- _____. **Fotografia em Guarapuava na década de 1920.** Guarapuava, 19 de junho, 2015. Entrevista a Nádia Moccelin.
- LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes: ensaio sobre história e fotografias.** Niterói: Editora da UFF, 2008.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 5. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MIRZOEFF, Nicholas. **The right to look.** A counterhistory of visibility. Duke University Press, 2011.
- PEGORARO, É. **Da fotografia pictorialista aos primeiros ensaios de uma fotografia moderna no Paraná.** In: 8º Encontro Nacional de História da Mídia, 2011, Guarapuava. 8º Encontro Nacional de História da Mídia-Rede Alcar, 2011.
- SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TEIXEIRA, Murilo Walter. **Fotografia em Guarapuava na década de 1920.** Guarapuava, 08 de junho, 2015. Entrevista a Nádia Moccelin.